

Fala e acontecimento em análise

Luis Claudio Figueiredo

O que torna eficaz a fala na psicanálise? Este artigo, utilizando a filosofia de Heidegger e as idéias de alguns analistas franceses, sugere que é o seu estatuto de *acontecimento*.

No texto que se segue, pretendo desenvolver algumas das possibilidades de encontro entre o pensamento heideggeriano e a clínica psicanalítica, vislumbradas na trilha que se iniciou em um curso que ofereci na Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP; posteriormente estas aulas foram transformadas no livro *Escutar, recordar, dizer*.¹ Embora ao escrever eu tenha procurado tornar a leitura deste trabalho o mais independente possível do livro

acima mencionado, é claro que lá algumas questões receberam um tratamento bem mais aprofundado, podendo vir a ajudar na compreensão de algumas idéias

Luis Claudio Figueiredo: Livre-Docente em Psicologia Geral no Instituto de Psicologia da USP, Coordenador do Curso de Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica da PUC/SP e Chefe do Depto. de Psicologia da UNIP; atende em consultório particular. O presente texto corresponde à primeira aula da disciplina *Fala e Acontecimento em Análise*, ministrada no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, em 1993.

aqui desenvolvidas. Antes de mais nada, contudo, creio ser de boa política adiantar que minhas principais dívidas teóricas são, naturalmente, com Heidegger, tanto como o autor de *Ser e Tempo*, quanto, principalmente, como o autor das obras posteriores sobre a *fala* e sobre a *poesia*;² entre os filósofos leitores de Heidegger, foi o francês Henri Maldiney - em particular através de alguns artigos da coletânea *Penser l'Homme et la Folie*³ - o que mais contribuiu para a elaboração das idéias acerca da noção de *acontecimento*; finalmente, é necessário mencionar os escritos psicanalíticos que tratam das questões do *trauma* e, mais amplamente, do *irrepresentável*: estarei assim usando, com muita liberdade e sem qualquer compromisso com a ortodoxia psicanalítica, se é que isso ainda existe, idéias de Freud, de Ferenczi, de Laplanche, de Le Guen e de alguns outros autores que serão referidos oportunamente.

O título *Fala e acontecimento em análise* dá margem a diferentes aproximações. No momento me ateei a duas dessas possibilidades: uma que implica em tratar a *fala como acontecimento*, em contraposição à fala enquanto *ato de representar e comunicar*, ou seja, à fala considerada como *algo que um sujeito faz*. Na segunda aproximação a fala é surpreendida *fazendo acontecer*, ou seja, como um *dispositivo acontecimental*. Reunindo as duas aproximações, poderia afirmar que o meu objetivo será a identificação de uma natureza 'primitiva' e de uma eficácia original da fala que, a meu ver, são ingredientes indispensáveis para o trabalho de análise na situação terapêutica. Começarei, contudo, trabalhando a noção de *acontecimento* como *ocorrência* e como *advento*, para em seguida trabalhar a noção de *trauma* como *acontecimento inconcluso*. Só então passarei a tratar da *fala acontecimental* e da sua eficácia clínica.

1.

Um acontecimento é, de início, uma ruptura na trama das representações e das rotinas; em outras palavras, de início o acontecimento é uma quebra dos dispositivos de construção e manutenção do 'tecido da realidade'; mas um acontecimento é também a transição para um novo *sistema representacional*. Cabem aqui algumas elucidações que, para ser objetivo e sintético, serão apresentadas na forma de notas e

Quando o acontecimento destroça mundo, prefigura a morte; quando funda mundo, cria solo para novos encontros.

comentários que serão retomados a partir de outros ângulos nos itens subsequentes.

1- Na condição de disruptor de uma trama, ou tecido - ou seja, na condição de *destecedor* - o acontecimento efetua uma atividade *analítica* no sentido próprio da palavra.⁴

2- O acontecimento não é *algó* que (ir)rompe e transita: *ele é a ruptura e a transição mesmas*;

3- Assim sendo, o acontecimento não ocorre em um mundo, na acepção heideggeriana de *mundo* -

o aberto da abertura da *presença*,⁵ 'fonte' de possibilidades e passibilidades, ou seja, *fundo de onde podem emergir e se configurar, vindo a ser, os entes com que nos encontramos e por que somos afetados*. O acontecimento destroça mundo e funda mundo, estando suspenso entre mundos; ao destroçar um mundo ele é sempre uma prefiguração da morte; ao fundar mundo ele (1) cria o solo para outros encontros - possibilitando novas fenomenalizações - e (2) re-passibiliza - renovando e ampliando a abertura da presença, delimitando um novo campo para outras *ultrapassagens acontecimentais*;

4- Uma outra forma de nos aproximarmos desta noção seria afirmando que o acontecimento é como que uma fenda que se introduz no possível (no 'mundo da realidade'); nesta medida ele é um *mais além do possível*;

5- Poderíamos finalmente dizer que o acontecimento testemunha e *resgata a transpassibilidade* da presença: com este termo Maldiney (1991, p. 361 e seguintes) refere-se à *passibilidade ao inesperado, ao surpreendente, ao impossível, ao inacreditável*; enquanto inantecipável, o acontecimento é a figura paradigmática da alteridade, sendo que esta tem seu lugar instituído *pela perda e como perda*: trata-se aqui da perda de uma ilusória totalidade. Nesta medida, o acontecimento pode ser encarado como o que essencialmente dá testemunho da abertura, conservando *aberta* e, assim, *incompleta a presença*, propiciando, portanto, outros acontecimentos.

2.

Gostaria agora de me encaminhar para algumas considerações que tratam da 'relação' entre acontecimento e temporalidade. Em primeiro lugar, creio que se deve contrapor o tempo como

desenvolvimento e/ou evolução ao tempo acontecimental, o tempo dos acontecimentos. Novamente aqui vou procurar esclarecer o que penso através de algumas notas:

1- Há uma primeira e relativamente óbvia observação a fazer acerca da partição do tempo: o acontecimento divide o tempo em *antes* e *depois*, *velho mundo*, *novo mundo*, *velhos tempos*, *novos tempos*;

2- Mas, e nisso reside o mais importante e muito menos visível, o acontecimento tem ele mesmo uma temporalidade intrínseca (sobre a qual se efetua a outra): *trata-se do trânsito da irrupção de um inominável ao a posteriori do sentido*; (aqui se impõe uma aproximação com a *posterioridade* psicanalítica, tão relevante para a teorização sobre o trauma). *O trânsito deixa a presença em suspenso*, pendurada em um 'houve' que ainda não é; é o acontecimento como '*trânsito que deixa em suspenso*' que angustia;

3- Há, portanto, dois momentos em cada acontecimento: uma quebra de sentido - com a conversão do homem em *signo vazio de sentido*, como na expressão de Hölderlin tão trabalhada por Heidegger⁶ - e a re-emergência de sentido que, em seguida - com intervalos mais ou menos longos - (re)constitui passado e descortina um novo futuro; é a temporalidade do acontecimento que *faz*, verdadeiramente, história, é dela que provém a luz retrospectiva e prospectiva que *realiza* passado e futuro; nesta medida, cada acontecimento é em si mesmo um *só depois* de outros acontecimentos que, por ele são resignificados; pela mesma razão, cada acontecimento servirá de *apoio* para acontecimentos futuros que lhe 'descobrirão' novos sentidos. Convém aqui assinalar que esta noção de *apoio*, bem como a de *posterioridade*, foram trabalhadas por Le Guen como modos básicos do funcionamento mental;⁷ embora tenda a concordar

com o tratamento que lhes é dado por este autor, pretendo voltar a elas mais adiante para estabelecer alguma diferença entre o que está sendo aqui proposto e o que é ali formulado.

3.

Ao que irrompe no acontecimento podemos designar como o *real*; o que se destrói é a *realidade*:

1- O que se dá fenomenolo-

O *real* é que irrompe no acontecimento; o que se destrói é a *realidade*. *Real* é o próprio acontecimento, como inesperado.

gicamente como a '*realidade*' constitui-se como "a presunção constantemente prescrita de que a experiência continuará constantemente a se desenvolver segundo o mesmo estilo constitutivo" (Husserl, 1929), ou ainda, como "uma idéia infinita, que se remete às infinidades de experiências concordantes" (Husserl, 1929a); em outras palavras, fenomenologicamente *a realidade dá-se como o tecido dos fatos e experiências compossíveis e, essencialmente, não surpreendentes*;⁸

2- Quanto ao *real*, a única forma dele se dar é no/como acontecimento ele mesmo como irrupção do inesperado;

3- *O real se dá como enigma* implicando simultaneamente excesso de sentido e vazio de sentido; como enigma, o *real demanda tradução*;⁹ no entanto, é esta tradução original que *dá ser* ao enigma, que o realiza; ou seja, não há *já algo* a ser traduzido, embora haja uma demanda de tradução.

É o momento de retornar às noções de *apoio* e a *posteriori* de Le Guen: quando ele pretende afirmar que "o antes sujeita o depois e o depois significa e reorganiza o antes" e insiste na idéia de que *o apoio constrange as possibilidades de resignificação a posteriori*, não creio que fique esclarecido o estatuto deste apoio e muito menos o desta sujeição. Na ausência desta esclarecimento, é fácil recair numa concepção realista e numa causalidade excessivamente linear que, na verdade, é exatamente o que Le Guen procurava evitar, ao mesmo tempo que se opunha a uma ênfase unilateral no *a posteriori* do sentido, tal como aparece nas formulações de Viderman.¹⁰ A solução aqui sugerida insiste em que o enigma é apoio apenas na medida em que impõe um trabalho de tradução - gerando o que Laplanche designa como *pulsão tradutiva* - e que, no contexto de uma história acontecimental, não é qualquer tradução que servirá para operar o trânsito, isto é, para fazer que o acontecimento, acabado de acontecer, se converta em experiência histórica do sujeito. Assim sendo, se se pode falar de *tradução* não é porque haja algo como um texto a ser decifrado ou resignificado, mas porque há um existente a ser *tra-duzido*: a tra-dução *conduz* o existente *através* ou, dito de outra maneira, faz *transitar* a existência do 'início' do acontecimento à sua (provisória) completude.

4.

Precisamos agora, e creio que agora já podemos, nos aproximar do *acontecimento traumático*. Antes de mais nada convém assinalar que estou optando por fazer uma distinção entre *acontecimento* e *acontecimento traumático* (*évènement bouleversant*, no dizer de Maldiney), ao invés de falar em *trauma constitutivo* e *trauma desestruturante*, como por exemplo Ferenczi.¹¹ Como se verá, o que diferencia o acontecimento traumático incide fundamentalmente na dimensão da temporalidade.

Começarei afirmando, com Maldiney, que traumático é o acontecimento que *desancora*, o que tira o solo de ancoragem em que se assenta a existência. Este solo é o fundo pré-reflexivo em que e de onde se destacam as figuras com que lidamos cotidianamente, com as quais nos sentimos relativamente seguros e nas quais nos apoiamos. Este solo, que é a proveniência não representada das representações possíveis, é algo que não pode sofrer o efeito corrosivo da dúvida. O trauma abre uma *crise de confiança* que não implica apenas em desconfiar desta ou daquela representação, mas de não confiar na fonte ou matriz de todas as representações possíveis, fonte da qual provinha para o indivíduo “o sentimento de estar seguro de si.”¹² Quando ficamos sem solo de ancoragem desabamos vertiginosamente na impossibilidade de pensar. Há um conto de Cortázar que ilustra bastante bem uma ‘pequena’ experiência de desancoragem. O conto relata a história de um paciente que, preocupado com sua saúde, recebe palavras de muito conforto e alento do médico, palavras que, ditas com segurança e circunspeção, o tranquilizam completamente. Quando, na saída do consultório, o cliente se volta já da porta para se despedir, descobre por debaixo da mesa nas pernas do médico, com as calças

arreçadas, meias e ligas de mulher. O que pensar? Como pensar?

A desarvorante ‘experiência’ de desancoragem traz algumas consequências que exigem explicitação:

1- O trauma é um *acontecimento inconcluso*, ou seja, um ‘acontecimento’ que não se consuma, que não transita, cuja temporalidade intrínseca está comprometida; nesta medida a noção de *experiência* não é aqui a mais adequada, já que este tipo de ‘acontecimento’ se caracteriza exatamente por não acabar de

O trauma implica em não confiar na fonte mesma de qualquer representação possível.

acontecer e por não chegar a constituir história; por isso, ele se eterniza e bloqueia a possibilidade de novos acontecimentos. Assim, o comprometimento da temporalidade intrínseca do acontecimento compromete radicalmente a temporalidade histórica da existência.

2- As razões desta inconclusão podem ser:

(1) um rompimento radical dos recursos simbólicos; isto acarretaria a total ausência de inscrição em uma trama ou sistema representacional, ou seja, seria, a rigor

uma *anti-experiência*. Creio que valha a pena aproximar esta hipótese da que é formulada por Cezar e Sára Botella quando dizem: “Desenvolvemos uma noção de trauma infantil em termos de não-representação - fora de qualquer noção de posterioridade e justamente *caracterizada por sua incapacidade em produzir tal efeito*” (grifos meus);¹³ ou (2) uma impossibilidade de acolhimento do ‘novo’ sentido na posterioridade - neste caso, o sentido de um acontecimento passado é resignificado de forma *intolerável* por um acontecimento posterior que, de uma certa forma, o reabre e o deixa aberto e inconcluso; seria neste caso discutível a natureza da inscrição. Caberia também assinalar que este segundo caso se aproxima de uma das concepções freudianas de trauma;¹⁴

3- Poderíamos talvez avançar a hipótese de que em ambos os casos, o ‘primeiro momento’ do acontecimento - o da irrupção devastadora - ‘permaneceria’ como *representação-coisa*, “*fechada a toda circulação significante*”;¹⁵ *desligada*, imobilizada, incapaz de transitar e interrompendo o trânsito, como um fosso e mais ainda como um abscesso irreduzível, incômodo e não metabolizável na trama das representações; seria o não-traduzido e intraduzível que impõe o - nesta situação inviável - trabalho da tradução, conforme sugere Laplanche.¹⁶

4- Durante este *intervalo crônico* há uma desarticulação de todas as defesas e recursos adaptativos, impedindo tanto “reações aloplásticas” como “a produção de representações de mudanças futuras no sentido favorável” (ou seja, representações de um futuro transformado e prazeroso), para falar nos termos de Ferenczi.¹⁷ Com isso se cria uma espécie de ‘calo negativo’, ou seja, uma região de hipersensibilidade especializada e estreita (sensibilidade aguda às instâncias do *mesmo* sofrimento);

5- Efetivamente, ao invés de abrir a *presença*, o trauma encerra o campo do experimentável, confinando aí o horizonte das possibilidades: *a sensibilidade ao diverso é drasticamente reduzida*. Esta redução decorre de qualquer uma das duas formas básicas e complementares de lidar com o acontecimento inconcluso: (1) a que leva às últimas conseqüências o seu potencial analítico e separador - e que se manifesta, metaforicamente, como a extirpação cirúrgica do abcesso e de toda a região afetada e dolorida que o envolve (o que corresponde à *autodestruição* já observada por Ferenczi) - e (2) a que se manifesta como uma compulsiva tarefa de *religação delirante*, em que todos os elementos da 'realidade' são recuperados como *indícios* e *corroborações* de que o *rasgo traumático* era da ordem do esperado e do não surpreendente - trata-se aqui de uma construção imaginária em que o trauma paradoxalmente vem a ocupar o centro do sistema representacional, dando-lhe a base e o padrão a partir do qual todo o sistema se organiza. É interessante observar que a *cena traumática*, exatamente porque não circula enquanto *representação-coisa*, passa a funcionar neste sistema representacional como uma espécie de 'solo substitutivo', ou seja, como uma sustentação que substitui o solo básico de confiança, perdido com a desancoragem traumática: uma certa 'realidade' então se recompõe, tendo como base inquestionável a convicção difusa de um mundo insuperavelmente doloroso e com o qual não se pode contar. De uma forma ou de outra, seja como a *chaga pós-operatória que não cicatriza*, seja como um *sistema delirante e imune a toda surpresa (a toda experiência)*, há um estreitamento do campo da sensibilidade.

6- Entende-se, portanto que o trauma cronifica uma forma determi-

nada de passibilidade mas, ao mesmo tempo que aguça esta forma de sensibilidade, *abole a transpassibilidade e, nesta medida, o impossível*;

7- Assim sendo, o trauma não passa, não propicia o futuro e não constitui um presente: o trauma atemporaliza a existência;

8- O trauma age como *matriz de irrepresentáveis*, ou seja de reedições de acontecimentos traumáticos; qualquer 'acontecimento', que reedite o trauma destitui o indivíduo de sua capacidade de

Quando ocorre um trauma, a existência se atemporaliza, e se estreita o campo da sensibilidade.

reconstituição simbólica colocando-o à mercê do real 'em bruto' e re-acionando as defesas autodestrutivas e /ou delirantes. Como se verá adiante, é desta tendência à reedição do acontecimento inconcluso que deriva toda a eficácia da fala em análise;

9- Finalmente, à guisa de explicitação da tese acerca da historicidade da existência embutida em todas as notas anteriores, poderíamos dizer que não é o acontecimento passado que determina o presente, embora o *propicie* ao abrir um

campo novo de possibilidades e passibilidades: o que determina absolutamente o *presente*¹⁸ é a fratura aberta do trauma, enquanto acontecimento inconcluso.

5.

A partir de agora já me sinto em condições de passar à questão da fala, tal como havia antecipado no início. Começarei propondo uma distinção entre a fala considerada como *dispositivo representacional* e a fala tomada como *fala acontecimental*. Esta é a fala que acontece ao falante e o coloca à escuta, a que nomeia o enigma e o coloca à justa distância, à distância justa para *ser algo*. Esta noção de fala como acontecimento foi desenvolvida em outro contexto, do qual me permito transcrever as seguintes linhas: "A palavra reinante acontece ao falante, abrindo para ele tanto como para o ouvinte o horizonte de visibilidade em que os fenômenos se mostram como sendo isto ou aquilo. Mas ao mesmo tempo soa como estranha; é desta palavra indisponível e por isso liberta das tarefas de representação, comunicação e expressão que se pode fazer uma experiência. A rigor, diante desta palavra outra só o lugar de ouvinte está desocupado, pois o do falante é ocupado pela fala ela mesma."¹⁹ Passemos, então, a algumas elucidacões.

1- A palavra reinante é a da fala que brota na e da série inacabada de um acontecimento e, independentemente de quem a profere, *emerge da tensão do inconcluso e da demanda de tradução*. Esta é a fala que se dá como *resposta a uma demanda entreouvada como apelo mudo do enigma*. Quando se diz que não importa quem a profere é porque, seja ela emitida pelo analista, seja ela a palavra do analisando, o que é necessário é que responda a uma *solicitação de fala* emergente do

próprio campo de forças instaurado na situação analítica; em outras palavras, é preciso que a situação analítica reedite a condição do acontecimento inconcluso, para que dela provenha uma pulsão tradutiva capaz de libertar uma palavra nomeadora que, acontecendo, efetue o trânsito e faça acontecer.

Creio que cabe aqui a seguinte consideração: parece existir algum parentesco entre a idéia de uma reedição clínica do acontecimento inconcluso e o que Fábio Hermann propõe como sendo a tarefa da interpretação analítica: a ruptura do campo - ou seja, uma experiência de desancoragem, nos termos do presente trabalho. Ele prossegue dizendo: "quando um paciente perde o campo em que se apoiavam suas representações, ele entra num estado de irrepresentabilidade provisória à espera de novo campo que as organize; tal estado, a que chamo de expectativa de trânsito (...) é a raiz da angústia que se experimenta em análise, mas é também a oportunidade de vislumbrar as regras do inconsciente; por isso, tecnicamente, não se deve apressar o processo nem mitigar a angústia com uma oferta de representação alternativa."²⁰ Se é que interpreto corretamente o pensamento de Hermann, é preciso que a palavra brote por si só deste angustiante 'em trânsito'.

2- Pode-se, portanto, fazer e convém que se faça a seguinte constatação: *há uma fala que permite que o acontecimento 'acabe de acontecer' e se torne disponível para a simbolização e para a elaboração representativa*; há outras falas que trabalham o que ficou disponível para o necessário processamento e digestão: esta será a tarefa, também indispensável, das falas representacionais e elaborativas. Enquanto a fala que faz acontecer, efetivamente *faz história*, as outras, no melhor dos casos, *contam histórias* mais ou menos plausíveis;

3- É, apenas, aquela fala acontecimental a que, fazendo

acontecer o acontecimento, liberta a existência da repetição instaurada pelo trauma, reinstalando nela a história;

4- Qualquer tentativa de *elaboração representativa* que seja efetuada ou sugerida antes do acontecimento *acabar de acontecer*, antes da fala acontecimental se dar e, se dando, nos dar a experiência do acontecimento, terá apenas a força de uma sugestão, exercendo provavelmente uma função defensiva; com isso estamos sugerindo que o

Há uma fala que
faz história, outra
que conta histórias,
outra ainda
que representa e
elabora.

recurso precoce às interpretações e às construções está arriscado a alimentar a compulsão religadora que se manifesta na defesa delirante e que expressa a urgente necessidade de um *sentido a qualquer preço*.

5- Nesta medida, o acontecer da fala acontecimental é um momento necessariamente fenomenológico da análise, *anterior e distinto* de qualquer movimento interpretativo-constutivo, embora aqui haja também uma certa modalidade de interpretação: a interpretação como tradução do enigma do real.

NOTAS

1. Figueiredo, L.C. *Escutar, recordar, dizer. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. Ed. Escuta, no prelo.
2. Heidegger, M. *Ser e Tempo* (1927), Ed. Vozes, 1988; quanto às obras posteriores, ver, por exemplo, Logos (1951) em *Essais et Conférences*. ed. Gallimard, 1986; La parole (1951), Le déploiement de la parole (1957) e Le mot (1958), em *Acheminement vers la Parole*, ed. Gallimard, 1990; Le poème (1968) em *Approche de Hölderlin*. Ed. Gallimard, 1988.
3. Maldiney, H. *Penser l'Homme et la Folie à la lumière de l'analyse existentielle et de l'analyse du destin*. Ed. Millon, 1991.
4. Ver, a propósito, Laplanche, J. Temporalité et traduction em *La Révolution Copernicienne Inachevée*. Aubier, 1992, p. 318 e seguintes.
5. O termo presença está aqui sendo adotado como tradução de *dasein*, que muitas vezes é traduzido como ser aí ou ser no mundo. Esta adoção acompanha a excelente tradução de *Ser e Tempo* publicada pela ed. Vozes.
6. Ver em Figueiredo, L.C. (Ed. Escuta, no prelo) uma apresentação das análises de Heidegger.
7. Le Guen, C. *A Dialética Freudiana I. Prática do método psicanalítico*. Ed. Escuta, 1991.
8. Husserl, E. *Méditations Cartésiennes. Introduction à la Phénoménologie* (1929), Ed. J. Vrin, 1966 e *Logique Formelle et Logique Transcendantale* (1929) Presses Universitaires de France, 1957. Convém observar que nos textos Husserl fala em 'objeto real' e 'mundo real', mas o sentido destas expressões corresponde ao de realidade na acepção em que estou usando este termo.
9. A noção de *significante enigmático* de Laplanche (1988, 1992), embora tenha sido forjada para tratar especificamente de um outro fenômeno, o da sedução que o adulto exerce sobre ou impõe à criança num processo de violentação constitutiva, parece se prestar ao uso, mais generalizante mas não incompatível, que lhe estou dando aqui e no texto anteriormente mencionado (cf, Figueiredo, no prelo).
10. Viderman, S. *A Construção do Espaço Analítico*. Ed. Escuta, 1990.
11. Ver Pinheiro, T. A teoria do trauma ferenciano (uma proposta metapsicológica). Em *Revista de Psicologia e Psicanálise*, 1989, 1, p. 47.
12- Ver Ferenczi, S. *Obras Completas*, vol. IV. Martins Fontes, 1992, p. 109.
13. Botella, C e Botella, S. Le statut métapsychologique de la perception et l'irreprésentable. *Revue Française de Psychanalyse*, 1992, LVI, 23-41.
14. Cf. Guillaumin, J. *Revue Française de Psychanalyse*, 1992, LVI, p. 9.
15. Ver a propósito Bleichmar, S. Circulación del significante enigmático en la tópicia intersubjetiva, em *Boletim de Novidades Pulsional*. Especial Silvia Bleichmar, abril de 1993, vol. I.
16. Laplanche, J. Temporalité et traduction. Em *La Révolution Copernicienne Inachevée*. Aubier, 1992, p. 331.
17. Ferenczi, S. *Obras Completas*, vol. IV, Ed. Martins Fontes, 1992 p. 110.
18. A rigor a noção de presente não se aplicaria plenamente senão a uma existência em que passado e futuro fizessem sentido, o que é exatamente o que não ocorre quando um acontecimento inconcluso exerce seu domínio.
19. Figueiredo, L.C. *Escutar, recordar, dizer*. Ed. Escuta, no prelo; quanto à noção de fala como invisível dispositivo ótico que, dizendo a coisa, a dispõe na sua justa distância, ver Fédida, P. *Nome, Figura e Memória. A linguagem na situação psicanalítica*. Ed. Escuta, 1992.
20. Hermann, F. *O Divã a Passeio*, Ed. Brasiliense, 1992, p. 18.